

## Quintino e Leopold



*Poemas e Prosas Reunidos*  
**Dias vividos**

**Dias vividos**  
**Poemas e Prosas Reunidos**  
*Correspondências entre Quintino e Leopold*

2008

## PREFÁCIO

Quando Quintino e Leopold começaram a trocar correspondências não imaginavam que estavam começando a escrever um livro. Nem sequer possuíam intimidade com as letras e os versos. Mas os textos foram se aglomerando e crescendo em paralelo com as intempéries da vida e os vórtices sentimentais se direcionando para o único escape capaz de canalizá-los: a escrita.

Perceberam quão consoladoras podem ser as palavras quando generosamente se oferecem a um coração afligido e ansioso. Mesmo que o leitor não compreenda com exatidão o que sentia o escritor no momento da composição do texto, é um grande alívio transpor ao papel seu desespero e sua indignação, como se a folha oferecesse o consolo de um ombro amigo, levando embora uma parcela das angústias.

Este livro documenta não apenas prosas e poesias de dois anônimos, mas reflete de certa maneira os altos e baixos emocionais que ocorrem num período de tempo de apenas três anos para duas pessoas que ousaram procurar num mundo injusto a sensação única da satisfação, seja por meio do amor, da amizade ou da filosofia.

Os textos estão organizados por ordem cronológica, desde o primeiro contato com as palavras até o momento em que decidem parar de se corresponder e se vêem como o próprio alvo de seus poemas.

A coletânea não foi composta com a pretensão de atingir grande qualidade e técnica de escrita, pois antes de se objetivar a perfeição literária, a composição artística primeiramente busca a dissipação de sentimentos. Porém, como toda a prática leva a melhoria de qualquer atividade, podemos notar como, ao passar dos dias, dos meses e dos anos, a escrita de Quintino e Leopold foi se aprimorando e evoluindo, passando por experiências rítmicas, sonoras, temáticas e incorporando características de gêneros literários como o romantismo, o modernismo e o concretismo. Desta maneira, este livro se mostra também importante ao estudo da composição artística e da ascensão do escritor.

Por exemplo, visando o ponto temático dos textos, percebemos claramente a predominância da fraqueza humana como assunto das primeiras cartas, conforme nos revela os seguintes excertos:

"Apresenta-te com estupidez a mente fraca / Expõe um espelho que não deveríamos ver"  
 "Não direi que seremos porque na realidade não somos nada"

Em pouco tempo, os temas começam a variar e englobar o amor, a indagação da alegria de vida e as relações fraternas, além de experiências modernistas e de certa forma abstratas:

"Proclamas o amor, mas estais ocupada."  
 "São sete as pétalas da rosa do amor"  
 "Gato alado voa pro sol"

Aos poucos começa-se a preferir a forma de prosa e um cenário mais negro a circundar os pensamentos. A análise se torna mais profunda e usa-se o raciocínio como forma de entendimento

da vida. Junto com o pensamento, vem um sentimento pessimista:

"De percorrer em vã procura  
de um nada, do obscuro, já me basta"

"Descobre um mundo de dores  
e volta ao seu descanso"

Em paralelo às questões filosóficas e à busca constante da alegria nunca plenamente encontrada, temos sempre o amor, ora para aliviar, ora para arrastar ainda mais os escritores aos negrimes emocionais.

Apesar da evidente diferença na construção textual dos dois escritores, do início ao fim do livro se apresenta uma similaridade de Quintino e Leopold: a instabilidade, fundamental para a criação de variados e intrigantes temas. A importância deste livro não se resume a tais textos interessantes, mas também por expor de maneira crua a fragilidade de duas pessoas e logo de seres humanos e nós mesmos, os leitores.

## Capítulo I

Como um meio de desabafo, Quintino e Leopold se encontram com as palavras. O primeiro contato nascido do anseio pela expressão explode como um grito contido por anos de agonia e indignação diante à fragilidade humana e a decepção de não encontrar no mundo e na sociedade a beleza tão querida e buscada por toda a vida.

Às primeiras tentativas, um receio com as letras, porém, irreverência com as idéias. Tal qual adolescente que busca sua personalidade, os dois jovens escritores vagueiam por tentativas e experiências de escritas buscando sua própria identidade textual.

Quintino denuncia a humanidade e revela pequenos fatos rotineiros que o estimulam enquanto Leopold expõe de maneira subjetiva uma desilusão amorosa e o nascimento de uma nova paixão.

Há ainda, principalmente nos textos de Quintino, pensamentos funestos que surgem e permanecem por bom tempo, causados também por influências de autores como Goethe e Alvarez de Azevedo.

A influência de autores consagrados também é exposta nos textos de Leopold, no caso, Manuel Bandeira.

**14 de setembro de 2004**

*Leopold:*

O sonho de Morfeu é conduzido ao desfecho pelo desejo.  
Quando vivido, porém, torna-se desafiador:  
Apresenta-te com estupidez a mente fraca;  
Expõe um espelho que não deveríamos ver.

**17 de setembro de 2004**

*Quintino:*

Educadamente e sensivelmente caminhamos por estradas obscuras.  
Cada dia nos apressa os passos, caminhamos depressa.  
Pensamos ter percorrido muitas léguas, pensamos que estamos longe.  
Estamos na verdade andando para trás, e fora dos padrões de morais.  
Nós atrasamos nossos passos léguas de distancia.

"Compreendendo o surgimento de novos modelos e  
Explorando novos universos!!!"  
A quem queremos enganar?  
Somos a mesmice que através dos olhos  
Vemos um mundo oscilar entre o desespero e a vergonha.

Vergonhosamente entramos em um círculo vicioso  
Em não sair do lugar.  
Em nos apegar ao amor  
Em se preocupar com as ansiedades da vida  
Em envelhecer mais rápido  
Em vícios que viciam nossa vida  
Em padrões que foram postos por seres que repelimos.  
Em sermos aquilo que somos  
Em informações sem proveito  
Em conversas tolas sem proveito algum.  
Em ser o pouco da humanidade

Perdemos nossos princípios (se é que já tivemos algum)  
Perdemos nossas palavras (se é que realmente já foram ditas algumas)  
Perdemos nosso caminho (se é que já tivemos um)

Perdemos nossa eloquência (se é que temos algo para ser palestrado)  
Perdemos nossa cultura (quem roubou? Ou nos mesmos perdemos?)  
Perdemos o amor próprio (mas nós nunca tivemos nada para amar na gente)  
Perdemos o amor a arte (o que é arte realmente? )

A cultura foi feita... não se cria mais?  
Nem o mínimo sabemos fazer... Appreciar algo que foi deixado  
Sem custo nenhum a nossos olhos, sem custo porque não conhecemos...  
Porque não sabemos sobre sua amplitude.

Somos nós... Assim somos e assim... somos  
Não direi que seremos porque na realidade nós não somos nada.

**04 de outubro de 2004**

*Quintino*

Até que a noite venha a findar-se  
E as luzes do dia a raiar,  
A árvore frondosa perca suas flores,  
O perfume das pétalas fique escasso,  
Minhas lágrimas parem de cair,  
E assim acabe minha alegria  
Procurarei a felicidade reluzente  
E a minha suprema harmonia,  
Assim poderei fazer em paz  
Sabendo que algo de bom eu fiz.

**18 Setembro 2004**

*Leopold*

Estou fraco devido constante confronto de meus eus  
Exausto depois da última batalha que durou sete dias e quinze noites  
A guerra já é longa e a cada copo, mais longe do fim

- Malditos princípios puristas! Não devem vencer!  
Renovam-se, armam-se, estrategiam... - são fortes  
Os conheço, os criei. Há páginas em suas bases

- Ah, exército do ímpeto! Infantes o lideram  
Seus atos impensados... Aqui não há planos  
Com que violência atacam!  
Em suas investidas todo o vigor esvaece.

- Ah, como desejo a vitória do amor!  
Tão fraco... Tão precoce. Exército raquítico  
Faltou-lhe leite materno, exercício, prática  
Para ele esta é guerra injusta (Mas qual não é?)

Sinto-me triste ao deparar sua constante inferioridade  
seus soldados famintos e moribundos  
Chorei quando vi em seus olhos negros e estáticos  
a eterna esperança.

**19 Setembro 2004**

*Leopold*

É cruel expor uma criatura tão sensível e inexperiente em tal situação  
O que não fiz, por talvez falta de coragem - não por medo,  
Seria fácil pro ordinário  
Seria óbvio para o calejado que perdeu sua sensibilidade devido a prática.



**22 Setembro 2004**

*Leopold*

Adormeci antes do sol.  
Despertei ao silvo agudo que marca fim do dia  
Silvo só ouvido pelas almas atormentadas  
É quando tais espectros libertam-se - fim do dia.  
Apogeu dos remorsos mentais.

**23 Setembro 2004**

*Quintino*

Meu despertar está no canto dos pássaros  
O que terei de ser se me abandonarem?  
Suplico a ti, Oh minha macieira, que não partas daqui  
Permaneça onde estás, até que meus dias cessem  
E eu não necessite mais acordar!

**24 de setembro de 2005**

*Leopold*

Amigo,  
Apressas-me a escrever.  
Bem sabes que belas palavras  
Não hão de ser cunhadas sem que haja  
Entusiasmo d'alma ou ímpeto do coração  
De vãs palavras as bibliotecas estão cheias

**28 de Setembro de 2005**

*Leopold*

Se - ah! - todas as afirmações,  
todas as palavras declamadas  
com tanta cautela; tão medidas!

Se - ah! - todas minhas idéias  
meticulosamente, minuciosamente  
entregues a ti tão prudentemente

Se - ah! - toda minha erudição -  
granjeada ufania egocêntrica -  
antes tão profunda, tornaste-a leviana

Se - ah! - beleza de Adônis  
recurso apelativo às regras naturais  
à vulgar a mediocridade do plano

Fizessem-na ao menos estimar-me  
Fizessem-na ao menos concordar-me  
Seria de meu ser a apoteose,  
glorificação, apogeu de minh'alma

Seria então compensação dos livros  
dos quais noites passei a sorver  
Indenização de anos de vaidade  
narcisismo, renascentismo...

- Seria então, recompensa por minha vida inteira.

## 1º de Outubro

### *Quintino*

Querida, minha querida.

Estava tu, tão esbelta e deslumbrante...  
Como eu a amo.... Oh minha cara  
Mas tu me deixaste contristado por um instante  
Tu caíste ao solo, derramando a fonte de vida...

Como poderia eu te-la deixado em meio ao chão?  
Caí em prantos, caí na desgraça...  
Mas foi concedida a mim outra chance  
E agarrei com ambas as mãos

Estavas tu a morrer com toda a aquela superfície;  
Estavas tu a contemplar o mundo por pouco tempo;  
Estavas tu a entender o motivo da felicidade dos pobres;  
Estavas tu a acabar, em vez de em cima, abaixo do solo.

Troquei tua vivacidade;  
Dei motivo para sua existência...  
Caíste em solo desgostoso  
Mas estais agora em meios triunfantes.

Amo-te, querida plantinha.

### *Leopold*

#### A Fruta Brasileira

Gostusura - fruta brasileira  
manga boa, gorda, carnuda,  
tão grande que prá comer  
tem que usar as duas mão  
- cabra vira menino  
meleca a cara toda -  
Óia o cabelinho que gruda no dente!  
Gostusura - mulher brasileira  
morena boa de bunda grande

## 2 de Outubro

### *Quintino*

Proclamas o amor, mas estás ocupada.  
Dizei a mim, ó cara: "invejo-te"  
Procurais a arte, mostro-a a ti  
Estás indiferente agora, por quê?

Sou sufocado por dores de parto  
Maléfico aquele que me instruiu  
Criou um monstro em mim, e para ti foi mostrado  
Coitado, coitado de mim e de ti.

Desanimaste um homem conturbado  
Construíste a tumba para alguém ressuscitado  
Perseguiste alguém na paz...  
Apareceste em minha vida, desgraçada.

Quero arrancar as entranhas com os dentes,  
Posso ver quão lindo é o paraíso.  
Estaria eu ali, seria eu aquele vulto?  
Que pena... Rosas nao combinam com minha sepultura.

Acredite, Eu Nunca quis isto.

### *Leopold*

Acolha-me nesta noite -  
Recolha-me em profundos devaneios  
dos quais o álcool há de ebulir palavras  
Antes nunca mencionadas, porem pré-supostas

Inclina-me teu ouvido e guarda teu olfato  
Amargas desesperanças espremidas no palato  
Dubitáveis verdades das quais nunca estive tão convicto  
Exposição explícita, outrora censurada, de minh'alma aflita

Cá em novo decisivo pactuante momento  
Repisando sentenças já decretadas, mas  
Esquecidas após enfado ressacado

Recolha-me eu em instante de fuga  
Maternal em que o amigo supera a amada  
Daqui eu vim e para cá retorno. De novo.

**3 de outubro de 2005**

*Leopold*

(De uma semana de folga )

Bem, amanhã retorno ao trabalho após uma semana de folga.  
Pergunte-me como aproveitei esse período de ócio. Dir-lhe-ei:  
Não, não viajei. Não vi o mar. Não vi montanhas. Nem mesmo o céu.  
Não me embriaguei. Não me exercitei. Nem co'as mulheres fiquei.

"Então" -dizeis- "és mesmo um tolo! Tantos são os que usufruíam esse tempo mais sabiamente que tu! Um oásis em meio ao deserto de frustrações que é sua vida! Deverias encher o cantil - sim, afundar teu cantil profundamente no lago dos prazeres mundanos! Melhor: mergulhar e se embebedar de vãs satisfações desregradas! Então terias vigor a continuar a procissão sem rumo a que insistes."

Realmente, desse lago não bebi. Porém em mar mais profundo mergulhei!  
Ainda na superfície, pude ver a humanidade revelada diante dos meus olhos.  
Pude ver tua desgraçada espécie. Pude ver que caminham, ou melhor, rastejam como cobras cegas, copulando devassas, enroscando-se umas as outras, formando grande e indigesta trança.  
E apesar das dificuldades de movimentação, o coito é geral.  
Não fazem distinção, não se diferenciam e todas com todas se fundem.  
E enquanto copulam de suas peles segrega coisa viscosa, a trança tornando-se pegajosa, escorregadia, nauseante...  
E assim percorrem curto caminho até um grande penhasco.

Continuei meu mergulho. E vi agora coisas lindas.  
Vi a musa onírica. A beleza da natureza pura, limpa. Linda.  
Suspirei e senti o perfume da mirra, do almíscar e de toda sorte de perfumes que as folhagens, o orvalho, a terra, a grama, o riacho poderiam oferecer. Senti a paz. Há beleza ainda neste mundo!

E quanto mais profundo mergulhava, mais experiências agradáveis tive o prazer de provar. Do rochedo ouvi a lenda do amor. Souu-me tão linda quanto a melodia dos pássaros silvestres.  
Havia o que cantava o retorno ao lar. Ainda o que chorou pela morte de alguém.  
Outro me derramou a natureza. E ainda outro me explicou o coração.  
Já não lembrava da horripilante trança que havia visto outrora.  
De tão profundo oceano retornei então.

Ainda pensas que do lago mundano deveria eu ter bebido??

*Quintino*

São sete as pétalas da rosa do amor  
 O indício do bem querer  
 Seus rastros conduzidos pelo vento  
 Torna magnífica a beleza da primavera

(1)

Um das sete pétalas despenha-se:  
 A pétala dos sonhos, da esperança.  
 Consigo a virtude de suportar.  
 Navega no mar dos romances incertos.

(2)

Outra se desprende da sua natureza:  
 Cai com fervor no oceano de intriga.  
 Que desespero, faz sonhos se ocultarem  
 E naufragarem para sempre.

(3)

Uma surpresa! Outra se separou da flor.  
 Trouxe promessas de dias melhores  
 Em suas pétalas: "nao se preocupe"  
 Que satisfação!

(4)

Derrubada outra pétala:  
 Que dor, que dor, que dor...  
 Magoa tanto, que tristeza. Quanta magoa.  
 Pétala das ilusões. O tempo cuidará de ti.

(5)

Que cheiro essa peça da corola das flores:  
 Exalas o perfume caloroso da amizade.  
 Quão importante para vencer as ilusões  
 Quão importante se navegar em nossos corações.

(6)

Passado, passado, passado  
 Porque continuais a interferir nesse presente  
 Estais aqui para mudar o futuro.  
 Quão perigoso sois vós, mal criado.

(7)

Afrodite vulgar, Afrodite vulgar  
 Entrastes para o bem querer do amor  
 Estais aqui para contemplar, celebrar,  
 O amor do apaixonados que te merecem.

Meu coração jovem, doente e transtornado  
 Suspira por dias melhores...  
 O calor dessa flor desconhece minha tristeza  
 Pois estou a passar frio.

**13 de outubro de 2005**

*Leopold*

Gato alado voa pro sol  
Oh de alma quero perder-me  
Oh de vida quero sangrar-me  
Vem e vai num ritmo ardente

Vem no céu e desce azul  
olha o vôo tão dorsal  
olha o ser tão divinal  
Agora nasce uma estrela

Então vai gato alado  
voa de novo pra gente  
como só você sabe  
como só você faz!

Como nada que já vi  
e o peixe nada bonito  
e o peixe nada bonito  
e o peixe nada bonito

## Capítulo II

A sensação de impotência e inferioridade se revela diante ao mundo e à mulher, que desta vez aparece glorificada, característica do gênero romântico, grande influenciador dos textos deste capítulo.

Os absurdos de uma humanidade terrivelmente desregrada e imoral se apresentam como um fato quase irreversível que agride profundamente a sensibilidade dos escritores.

O desânimo invade suas almas, principalmente a de Quintino, que transtornado consigo mesmo por agir de forma imoral se sente contradizendo suas próprias ideologias puristas e tal sentimento se revela em versos.

Começa-se a criar o cenário de desesperança e decepção que permeará os futuros textos de ambos.



12/10/2005

*Quintino*

Estou eu a ponto de explodir em cólera. Por que este coração que se pregava em coisas belas da natureza se tornou tão bruto e meticuloso? Onde estará o meu sonho? As grandiosas, esplendidas e estrondosas cores que cercavam de brilho meu alvorecer, tornaram-se cinzas a ponto de me deixarem cego à beleza. Estou aflito, a ponto de cortar meu coração aos pedaços, pois se és fonte dos sentimentos, por que deixastes os meus voarem com os pássaros que já não me trazem paz?

Supliquei ao vento que os trouxessem de volta, mas de nada valem mais minhas promessas. Seqüestrei os mais preciosos valores da vida, mas de que valor tem isso para ela, em um mundo tão medíocre e miserável? Não quisera o resgate. Contemplei os mais diversos lírios do campo, junto com a mais frondosa árvore do jardim. Meus olhos já não enchem-se de lágrimas com as belezas da criação.

Estou eu a dois passos de desistir. Pois tenho eu convivido com a ignorância, misturando as minhas virtudes tão treinadas em meios tão ocultos as doses que me tornaram quem eu sou. Oh varieis os assuntos, pelo amor de Deus, me dai um pouco de alegria...

Pois bem...

Caso minha alegria não chegue, estarei pronto a entregar ela ao solo... Ali talvez pereçam esses meus pensamentos, que tanto me fazem sofrer.

**26 de outubro de 2005**

*Leopold*

De manhã é ele quem guia o sol  
percorrendo o corriqueiro caminho  
o orvalho tenta impedi-lo em vão  
rege a terra, soberano do campo

As ervas temem seus pés  
as flores receiam suas mãos  
é sempre insensível o destino  
- o colhedor de flores.

**12 de novembro de 2005**

*Quintino*

Já escrevi melhores peças  
Já li melhores contos  
Já ponderei por peculiares frases

Hoje acompanho a desgraça  
Hoje me encontro doente  
Hoje caí em desespero

Toda lagrima em meus olhos  
Todo aperto do peito  
Cada expressão ignóbia

São frutos da ignorância  
São frutos desesperançosos  
São flores desprovidas de cores

"Palavras são providas de sentimentos, atos são providos de volúpia... eu sou provido de dor"  
Procurei a cura, achei a doença... Já bastava uma, acabei por achar duas."

Chorei, chorei e engasguei  
Engasguei, engasguei e provei da dor  
Provei, degustei e acabei por cair em prantos  
Com minhas mãos na face me escondo e me arrependo  
Rogo a Deus a todo instante... e a dúvida me mata.

Se nao fosse a culpa nem o transtorno  
Talvez eu tivesse uma luz... Mas desisto... Desistirei amigo  
Cá estou eu oprimido em dores de culpa...  
Foi boa essa vida...

Adeus, Amigo, Adeus.

**26 de outubro de 2005**

*Leopold*

Oh caro, lembro hoje daquelas noites  
tão funestas e alcoolicamente secas  
a batida ritmava o nosso coração  
Nossa amizade era maior à noite

Lembro de quem nunca mais verei  
de quem foi muito amigo meu  
e que nunca mais verei  
Mas que não me deixaria são

Não tínhamos mais casas  
não éramos mais de uma família  
éramos libertinos da noite  
ritmados por aquela batida tão nossa

Éramos nós contra todos  
e isso nos aproximava mais  
Eram noites de sonhos  
Sonhos tão desejados

**28 de Janeiro de 2005**

*Leopold*

(No trabalho)

Amigo, muito sinto ao admitir que consolo a altura não poderei lhe  
oferecer. O ambiente profissional petrifica meu coração.  
Agora, me diga? Isso já não foi consolo suficiente para você?  
Porque, afinal de contas, o ser humano é tão egoísta que  
o simples fato de estar ciente que seus irmãos estão em pior situação já se  
torna consolador, embora você mesmo continue na mesma.. OH, DEUS!

*Leopold*

## Ma Muse

Ma muse conseiller à moi  
 Seulement pour regarder  
 Donner me le savoir  
 Je sors fortune a rimer

Au travers de triste vie  
 sa distingué benignité  
 pour a me der a mie  
 peu cependant imérité

**25 de setembro de 2004***Quintino*

Caminhava sobre a grama verde, relva nascente que se estendia a ponto de perder vista o majestoso cerco que envolvia os seres. Nada contemplava, deixara os louvores de lado.

Tornou a deixar a trágica melancolia dominar seu Cosmo.

Indagava à felicidade. A felicidade não o respondia.

Clamou em alta voz, e eis que surgiu uma bela Orquídea do solo em meio àquela vastidão, reluzente ao sol, fazendo curvas lentamente, até que ganhou uma forma devidamente apropriada a sua natureza.

Plangente a vida, observava aquela flor gradualmente, recolhendo seu olhar ao brilho do sol, forçosamente abrindo os olhos à apreciar tamanha beleza.

Via-se na flor a felicidade transparente e tornava-se um tanto mais bela a cada instante.

Ao caminhar e ter o desejo de toma-la para si, hesitou um momento e ponderou:

"Estaria eu a ponto de atuar em tal desastre por tirar a felicidade extrema de algo tão peculiar no mundo? Estarei a insultar Demetér e cavar meu sepulcro? Oh, que fazer agora? Invejo-a orquídea.

Pois estaria eu a cometer um crime a humanidade...  
mas queria por certo momento  
tê-la em minhas mãos para saber o porquê de tua felicidade.

Flor minha, flor exuberante em prazer,  
Estais aí a contemplar o mundo? Por quê?  
Tu observas o mundo  
e fazes em uma posição invejada.

Transparece em ti a felicidade  
e eu que nem cheguei ao menos perto da alegria  
Acaso encontra pensamentos em ti, minha querida?  
Não, certamente. Pois por tua felicidade, pereceram os pensamentos.

Que inquietação encontrastes o meu espírito,  
Motivo do qual me fadigo constantemente.  
Preso a natureza primordial,  
preso aos pensamentos estupefantes

Tome, leve minha vida  
torne-se ela parte da tua,  
conceda a mim momentos,  
sim momentos, de felicidade nua e pura"

Ao terminar estas palavras, o homem sentiu seu espírito aquietar,  
tornando-se assim um lindo girassol, pois estava cansado da  
escuridão que o mundo lhe trazia, ficara de hoje em diante  
submetido a vida dessa flor que se esconde de medo ao ver  
a escuridão chegar e tornou-se um discípulo do sol  
acompanhando-o a cada passo.

**3 de outubro de 2004**

*Leopold*

Poema é impossível compor  
A descrever teu virtuoso ser  
Pois nem a beleza do verbo mor  
Pode tua presença merecer

Inefável, Indizível me parece  
Pode haver no Lácio um vocábulo  
Que a altura de tu' alma mece  
Ou número que caiba no tábulo?

Se hoje escrevo tais versos  
Para missão tamanha não ousou  
Entrego 'qui meus sentimentos imersos  
m'ia poesia em outros temas terá pouso

**22 de fevereiro de 2006 16:28:30**

*Leopold*

Olá amigo!

Desculpa estar te escrevendo. Acontece que não tenho ninguém para conversar ou mandar e-mail. E o ser humano foi feito para se relacionar. A todo o momento. Eu tenho tanta coisa pra falar! Mas não tenho quem me escute. A poesia é uma boa saída, mas não tenho inspiração nesse ambiente.

Não, não estou triste. Ao contrário. O que me fortalece a cada dia, é a vontade de viver, da qual não consigo me livrar. É o bater de um coração louco para bombear a vida por minhas veias.

Vou escrever-te um conto agora (ainda não sei o que, mas vou escrevendo):

Quando filhote, aquele pássaro foi capturado. Mal teve tempo de voar. Sua gaiola, a principio, era apertada. Apenas um poleiro. Aquilo para ele era o mundo. Com o passar dos dias, sua cauda alongava, suas asas, estendiam. Sua penugem agora era plena, de uma coloração única. Sua voz era linda. Ele sabia disso, porém, nunca se sentiu realmente motivado a cantar.

Um dia, visto a admiração de seu dono, ganhou nova morada. Três vezes maior. Três poleiros. Em um lugar realmente privilegiado do quintal. A principio

gostou da idéia. Sentiu-se realizado, feliz. As outras aves da casa sentiam inveja e dariam tudo para estar em seu lugar. Porém, voltando a sentir sua costumeira melancolia, não demorou muito para perceber que o problema não era o tamanho da gaiola. Não era a quantidade de poleiros. Era ela. A gaiola. Nunca havia reparado, mas era aquilo. Grades a seu redor. Os pássaros realmente não entendiam seu descontentamento, e o chamavam de ganancioso. Talvez fosse, realmente. Ele sabia que estava sim, incomodado, insatisfeito.

O pássaro ancião um dia lhe disse (é sabido que os anciãos são muito sábios, e como dizia um velho ditado, 'a verdade geralmente está em seus bicos'):

"Não queira sair de sua gaiola. Nunca aprenderia a viver fora dessas grades.

Não há alimentação nem habitação fácil nesse mundo.

Agradeça pelos seus poleiros e pelas suas sementes de toda manhã."

Ora, um dia houve grande incêndio no quintal. Não se sabe ao certo como começou. As labaredas vieram rapidamente por baixo de sua gaiola. As grades metálicas começaram a aquecer. Os poleiros, extremamente quentes. Nosso pássaro não podia se manter sobre eles. Tentou voar. Em vão. Nunca aprendera a voar. E, mesmo se soubesse, estava preso ali. Morreu queimado em sua bela gaiola.

## 20 de novembro de 2005

### *Leopold*

De percorrer em vã procura  
De um nada, do obscuro, já me basta  
Hei de fazer em algum canto  
Levar à terra apenas o que dela trouxe.

E tu, mancebo que lê estas palavras,  
Não dê a elas alguma importância  
Continue seu persistente caminhar  
Não esmoreçam elas teus passos

Pois antes de me tornar este velho prematuro  
Fui um sonhador, assim como tu  
Acreditava que o mundo poderia me trazer  
Satisfação e felicidade, caro mancebo

Mas um dia meus olhos se abriram  
E meu coração se fechou  
Nesta vida não encontrei razão  
Nem consegui nela sonhar

Levou-me ao desânimo  
Pôs-me no peito um túmulo frio  
Nos olhos uma cortina nebulosa  
E pelos pés me acorrentou ao seu descaso

**22 de outubro de 2005**

*Quintino*

Desacato a autoridade. SENTIDO!!!

Desacato ao povo. Mãos na cabeça!!!

Que alguém se importa com o tempo perdido em um espetáculo, que passado verídico.

Que se importam em nos roubarem a cultura e prenderem o artista, privando-o da vida:  
Verdadeiro.

Causaram tumulto; não nos explicaram... O espectador, tratado como espectro: é visto, mas sem conteúdo. Está ali por estar e não tem nada a acrescentar. Quanta barbaridade. A virtude, ética, Respeito e valores se degradam a cada dia... O poder do povo não é mais o poder de deus. Abaixo Assinado. Abaixo o cacete. Não se fala mais nisso... e não ponha suas mãos em nós. Até parece que colocaremos nossas mãos em pessoas que matam a cultura deixando delinqüentes matarem nossa gente.



### Capítulo III

Retomando a tendência negativa do fim do capítulo II, Quintino e Leopold chegam talvez ao auge de seus escritos, que ganham cunho primariamente poético como uma resposta aos textos em prosa que tivemos anteriormente.

Nesta fase, ambos tornam o amor seu tema principal, por isso a predominância das poesias. Leopold repete insistentemente sua falta de fé em uma paixão que brota, vendo-se num futuro em que o amor que vive só terá deixado lembranças e saudade. Quintino molda sua identidade como escritor ao insistir no tema humano e suas decepções sociais.

Aumenta a preocupação pela construção dos textos, na sua formação rítmica e percebemos também a evolução técnica.

**25 de novembro de 2005**

*Leopold*

Renego hoje ao amor.  
 Que estas páginas, outrora testemunhas de antigos afetos  
 Declarem agora o caminho ao qual mo direcionam  
 Sendo sabido e público que não sem tentar me esvaio  
 Porém mui ferido e causticado por amores vividos.  
 Vou-me assim, sem deixar saudade nem mágoa  
 A ninguém, senão a mim mesmo.

Renego hoje a amizade.  
 Cunho e oficializo agora que dela desesperanço  
 Ao ver somente as costas daqueles a quem o peito abri  
 Não sem antes com flechas o atingirem  
 Do próximo conheci apenas ingratidão e desprezo  
 Ao necessitarem ofereci-lhes a metade de minha porção  
 E hoje me tomam o prato.

Renego hoje a mim mesmo.  
 Que o escrito possa expressar o que não posso dizer  
 E registrem o fado de quem se vai indigente:  
 Quem não foi amado nada deixa neste mundo  
 É a gaivota que desaparece na névoa sem deixar marcas.  
 Não haja espanto por eu mesmo renegar-me  
 Fui o último deste mundo a tentar me encontrar.

**22 de janeiro de 2006**

*Quintino*

Exímio Amor

Ilmo Exímio Amor  
 És puro, limpo, correto e virtuoso,  
 Haveria no cosmo companhia mais agradável?  
 Qual motivo teria de da-lo a outrem?

Existe a lei que me obrigue a compartilha-lo?  
 Dá-lo-ei a quem merece.  
 Entretanto, existirá também a lei que me mostre  
 O ser que o mereça?

Cantarolei para ti, oh meu amor.  
 Prosa e poesia fizeste-me construir

Por que haveria eu de abrir mão de ti?  
Caso o dê para alguém, esse alguém de ti cuidaria tão bem quanto eu?

Tu és meu, só meu.  
Não terei de dá-lo  
Algum gatuno poderá o roubar, isso é verdade  
Mas de boa vontade, daqui não sairás.

**25 de janeiro de 2005**

*Leopold*

...e hei de lembrar-te  
nas noites frias  
em que o tição caloroso do peito  
consumirá vagarosamente  
o imperfeito pretérito  
da utopia que hoje criamos  
Ao vivermos  
nossa vindoura amargura  
sussurrando,  
implorando a nós mesmos  
cada momento de possível lembrança  
potencialmente  
futura e aflitiva  
para então  
podermos degustar  
envoltos por nossas respectivas auto-piedades  
cada amargo gole de vida.

**26 de janeiro de 2006**

*Quintino*

Esperarei por ti a cada entanto,  
No porém do tempo que me deres

Conduzir-me-ás no primor dos rumos  
Longevo se quer os dias que tiveres

Entre mundos, entre vidas...  
Entre luas, entre dias...

Contudo, com nada...  
Fora do entanto e muito obstante.

Com clareza, que se torne amiúde  
Nosso amor florescerá,

Embonecada estranha, com madeixas arco-íris  
Suspiroso, sou teu amado.  
Caíste em meus braços.

**30 de janeiro de 2006**

*Leopold*

De tudo  
que restar  
de minha presença  
tu serás  
a mais fiel lembrança  
do que um dia fui.  
E irás comigo  
(assim como disseste)  
aonde quer que eu vá  
Em gestos  
palavras e olhares.  
Mas por eu não ter-te  
serás lágrima.

**02 de fevereiro de 2006**

*Quintino*

funeral

Nas paredes flores mortuórias  
Entrelaçam a aflição dos presentes  
Fitações no vácuo, no vazio e no profundo  
Com dores pela privação de um homem

Foste privado de outra dor  
Tumultuoso como a *Ágora*.  
Compassos ao som da flauta  
Seguindo o som da harpa

Ele emerge ao meio mutuado  
Transbordando pétalas negras  
Trazendo consigo o crisol  
Que foste antes deixado no antro

Sai da tumba, entre as pessoas  
Causa espanto em meio a sombra nos olhos  
Borrados com lágrimas de dores  
Trazendo atrás de si o vulto

Espectro depressivo  
Caminha passivamente  
Descobre um mundo de dores  
E volta a seu descanso

**04 de fevereiro de 2006**

*Leopold*

Aperta-me ao peito sem saber  
que vou embora.  
Banho teu colo com lágrimas  
cujo motivo desconheces  
e ignoras que amanhã  
serão as tuas lágrimas que escorrerão  
pelo peito de teu próximo amante  
ao lembrar e entender  
porque aquele que mais te amou  
um dia chorou.

**05 de fevereiro de 2006**

*Quintino*

Por onde andaram nossos refúgios?  
Onde estão nossos Gênios?  
Diga-me se estão caminhando por entre as flores  
Ou estão jazendo em meio a elas...  
Como são inúteis...

Por onde andou nosso amor?  
E onde se esconde nosso sentimento?  
Diga-me se estão em meio a multidão  
Ou se já se esgotaram as últimas gotas que restavam.  
Como são inúteis

Por onde andam os princípios?  
Por onde andam os ricos de espírito?  
Diga-me se estão eles vagando em nosso meio  
Ou se perderam em meio ao mundano.  
Como são inúteis.

Por onde anda a vã vaidade?  
Onde se meteu a nosso mal interior?  
Continua ele a se afastar da gente  
Ou estão eles acabando com nosso coração?  
Como somos inúteis

**16 de fevereiro de 2006**

*Quintino*

Minha criança, minha queridíssima.  
Sois mais algum de meus amores amnesiásticos?  
Não tens peito materno, não tens nome,  
Tens apenas o que me completas, e eu assim vice-versa.

Conseguistes ser aquilo no que me animo,  
Tens, porém, o dom daquilo que repugno,

Amor ambíguo, dois em um, vós sois.  
Nada disso é um problema, pois...  
O que me clamastes algum tempo atrás  
Comprovou a união de nós dois:

É o seguinte, e o seguinte foi dito:  
"De nada adiantaria, e o nada vós terias"  
E sobre isso lhe indago:  
"Meu amor, o que seria do tudo... se não houvesse o nosso nada?"

**20 de fevereiro de 2006**

*Leopold*

Maresia

Sua presença é para mim  
a benção que inutilmente busco  
guiado pela tola inconsciência do amor  
Tendo sua silhueta, sua imagem  
E sua respiração  
que agora constantemente sinto  
ao bater-me o vento carregado do mar

**28 de fevereiro de 2006**

*Quintino*

Dois Jovens caminham no bosque.  
Olhares ardentes, e desejosos,  
Mal sabem do mal que os espera,  
Quão triste será quando os dois partirem.

Dois Jovens passeiam no parque...  
De mãos dadas selam seu futuro,  
Com lábios fazem as juras de amor,  
Com seus corpos lacram seu sepulcro.

Amores juvenis, entre desespero e ternura,  
Passam seus amores de mãos em mãos  
E como a areia do mar, os grãos do amor,  
São deixados ao chão... Se perdendo no espaço.



**03 de março de 2006**

*Leopold*

Dias Vividos

Dos dias deixados  
restaram dores  
tão intensas quanto as alegrias de outrora  
tão profundas quanto a paixão  
que rasgava-me o peito  
ao deslizar-lhe beijos.  
Restaram promessas quebradas  
e juras esquecidas  
poemas inacabados  
e a flor ressecada  
que passou por seu corpo  
e que até hoje marca  
a mais bela página de nossas vidas  
Dos dias deixados  
restam todos os dias  
que dividiríamos  
e faríamos com que fossem  
dias vividos

**29 de março de 2006**

*Quintino*

Se quiseres, então haverás de pedir...  
Mas não cobres aquilo que não lhe devem.

Faça bem a seus olhos...  
Mas pondere antes,  
Caso eles estejam irritados.  
Isso é fundamental.

Após tua alma partir dentre nós,  
Ficarás por um tempo esquecida  
Até que tuas obras fiquem amostras  
E tuas idéias se tornem expostas

**15 de abril de 2006**

*Leopold*

Não esperes uma carta minha  
- não quero ser apenas mais um envelope  
na sua lata de recordações  
onde guardas tantos amores passados  
e que já foram eternos

Não quero que minhas páginas  
perfumem as fotos daqueles  
à quem um dia disseste Eu te amo  
Pois meus versos não encontrarão rimas  
em poematos de quem não soube te amar

Não quero ser confundido;  
dividir tuas futuras lembranças;  
ser um troféu de exposição.  
Nem quero minhas palavras como insígnias  
ganhas em despojo na iminente derrota do amor

Quero sim voltar todas as noites  
tocar-te o corpo e sentir teus lábios  
erichar tua pele e inflamar de paixão  
numa manifestação palpável e complexa  
de sentimentos recônditos

Cuja pungente pressão tua pele não suportará  
e então serei lembrado  
ao acordares ao meio da noite  
banhada de suor e lágrimas, pulsando  
uma imensidão de sensações

que nenhuma palavra escrita te traria.

**22 de abril de 2006**

*Quintino*

Está vendo só, lá longe...  
O menino jovem de cabelos grisalhos,  
De corpo atlético e coração doente?

Todo fôlego carrega na alma,  
Todo sonho carrega nos olhos..  
Sua alma, corpo rude e prepotente.  
Seus olhos, desejosos, fundos e sem brilho.

Toda paixão do dia a dia...  
Que necessita por sua natureza,  
Cada dia uma luta contra si...  
Não vê a hora de dormir...

Ele que deveria viver, e sair...  
Todo o mundo aos seus pés...  
Ele descansa, diz esperar seu destino  
Que dos homens, o único é a morte.

**29 de abril de 2006**

*Leopold*

Tempo e Espaço

Naquele tempo hei de acordar  
e perceber quão longe estou de ti  
Ironicamente entenderei  
o quanto te amo  
com a certeza que serás  
para sempre  
minha querida esposa  
ainda que nunca tenhamos nos casado  
Viverei todos os dias  
movido pela esperança de que me amas  
onde quer que estejas,  
aonde quer que eu vá  
mesmo que o amor seja relativo  
ao tempo e ao espaço.

**02 de maio de 2006**

*Quintino*

Até certo ponto os humanos têm a liberdade de serem livres pensadores, sendo que esse certo ponto não existe em nossa natureza, porém está presente em nossa sociedade.

Os homens criticam, e fazem jus, por poucas vezes. E sua felicidade é o ponto de requisito mais visado, tendo em foco algumas prioridades vitais.

Aqueles que acreditam no destino, esses levam-me ao delírio tão cômico que me deixa assustado. Como poderia a formiga, tanto trabalhar estar resmungando de sua obrigação que foi predestinada a carregar folhas? Estaria o homem que acredita em destino estar lamentando sua vida? Esse está destinado a morrer. Que celebrem assim sua morte e não seu nascimento, pois com a morte findou-se seu objetivo real.

**07 de maio de 2006**

*Quintino*

Aqui do lado de dentro, há também o desespero.  
O quanto precisei para descobrir a virtude?  
Quase tanto quanto demorei a descobrir o que é bom  
E o quanto minha tranquilidade é de proveito.

Cansado de estar perdido, resolvi me perder...  
Perdendo-me, me achei, entre tantas outras coisas.  
Faz tanto tempo que os livros me dominam...  
Resolvi guarda-los pra ver a falta que faz.

E da distração, o que posso dizer?  
Pra que dizer? Se na distração perecem os pensamentos  
Da escassez dos pensamentos floresce a alegria...  
Quem não sabe que os livros estão repletos de tristeza?

Até em uma estrondosa comédia... Há nela a tristeza...  
Pondere por um certo tempo. 5 segundos...  
Perceberá que já não pensas mais na comédia,  
E sim no que deixastes pra trás naquela vida.

**08 de maio de 2006**

*Leopold*

Chamei-te apenas pra dizer adeus  
e no entanto  
não pude.  
Fica então assim:  
um ultimo beijo  
um ultimo olhar  
e apenas mais uma lágrima.

**23 de maio de 2006**

*Quintino*

Eterno apaixonado...  
Para sempre na ilusão  
Nunca amarei de verdade...  
E faço disto minha busca... Estar só!

Eterno apaixonado,  
Viverei na minha ilusão...  
Que do meu universo criado  
Foi feito o real para eles...

Viva a ilusão... Viva o nada...  
Viva a solidão... Viva o desespero  
E o medo de estar só... Que se nao fossem eles...  
Os fracos nao teriam felicidade...

Viva o eterno apaixonado...  
Pois que da ilusão foi feita a realidade crua e nua

## Capítulo IV

Após se prenderem em temas repetitivos e pessimistas, Quintino e Leopold começam a variar e experimentar novas construções e linguagens, como uma maneira de evolução própria.

No entanto, tais experimentos duram pouco tempo e novamente retornam aos temas que mais lhe afligem, pois nesta fase já começaram a criar personalidades literárias próprias e não conseguem fugir do que realmente agride suas almas.

Em certos momentos, principalmente em Leopold, se vê como a agonia se tornou grande demais para ser exposta de maneira subjetiva e agora são reveladas explicitamente, como um desesperado desabafo. Quintino enfim se rende à paixão, como se percebem nos últimos textos deste capítulo.

As pessoas e os próprios escritores são postos em evidência e seus costumes criticados.

**03 de março de 2007**

*Leopold*

Eclipse Lunar

Astro, não suma assim  
tão de repente  
fique um pouco mais  
aonde vai com pressa?

Lua, agora que isso?  
só restou-lhe o fio  
então, vê se volta  
porque faz falta

Negro o céu está  
mas... quantas estrelas!  
De tão brilhante a lua  
sumia as pequeninas

Então, o quê, Lua?  
Agora dá de aparecer?  
Já não te quero mais  
volta pra onde estava.

*Leopold*

Apolo

Airoso passeia por entre as mulheres  
que olhares o lançam em lânguido afã  
se fores garota e não o quiseres  
ou és tu bendita ou és de satã

De formas tão largas e resplandecentes  
seu corpo, um modelo do que é belo ser  
de mui fortes braços já são indecentes  
quais pernas tão grossas incríveis de as ter

Em seu caminhar nos atija à mente  
tamanhas perguntas que não nos convém  
e assim continua seu passo fremente  
sem nunca dizer-nos de onde ele vem

E indo embora sem ter piedade  
deixa-nos apenas o que lhe roubamos:  
memória de teu rosto sem igualdade  
Apolo, agora a ti nós saudamos.

**10 de junho de 2006**

*Quintino*

As rosas do jardim amargas se tornaram,  
Daqueles lindos pássaros que cantarolavam  
Em meu amanhecer, restaram os ninhos desolados.  
O odor da caminhada em paz não me traz mais tranqüilidade.  
E o desejo de ser quem não sou, e a vontade de ter o que não posso  
Fazer o que não devo e encontrar quem não existe  
Tudo isso ajuntado com a realidade que me cerca  
E com a fantasia que me abandona... me tornaram tão frágil.  
Em meus lábios encontram-se as lágrimas  
Que dos olhos já não fazem mais parte.  
E dessas lágrimas que não se achou espaço para elas,  
Fizeram um caminho dolorido, igual aos meus dias.

**03 de julho de 2006**

*Quintino*

O andarilho lunar

Em seu caminhar, seus olhos ao alto, ele vê:

Solitária, andarilha noturna.  
Por entre os lençóis brancos da noite,  
Esconde-se com tal medo brilhante  
Cintilante no topo do céu.

Fracionada em dois opostos  
Contornada por sombra e luz.  
Assim ela caminha cruzando o céu,  
Atrás de si, o rastro de lagrimas brilhantes.

Por seu percurso estais a vagar em vão  
Um azul ciano no horizonte... Clareando a escuridão  
Sua sombra já não mais tem destaque  
E os raios do sol, a deixa azul como o céu.



**20 de julho de 2006**

*Leopold*

Un grand et beau poème français

De tout vécu et tout fait  
qu'est-ce qu'i peut apporter à mon avantage?  
de beaucoup de choses de la souffrance  
et beaucoup de gens désagréables  
est-ce qu'il y a cela qui pour moi maintenant?  
et de toutes les femmes qu'i aimait  
et de tout l'ami qu'i avait  
qu'est-ce qui fait posé de tout ils?  
de tous les poèmes écrits  
de toutes les chansons composées  
qu'est-ce qui fait des restes de beauté?  
de vie, de ma vie courte et triste,  
de qu'est-ce qu'i peuvent se souvenir  
qu'est-ce qu'i peuvent rentrer fierté?  
devez était mort il y a beaucoup d'années  
et il n'eut ne fait pas différence  
parce que tout qu'i avait fait  
ne faites aucune différence pour n'importe qui  
tout l'amour qu'i donnent  
ne faites aucune différence pour n'importe qui  
tous les poèmes qu'i avait écrit  
bien, personne ne les a lus  
toutes les chansons qu'i a composé  
personne ne les écoute  
et c'est un poème d'un indigent  
qui habitait dans un monde  
où la vie sociale  
et où votre image  
est plus important que vous  
donc, ce chemin qu'i vont loin  
c'est la fin

**27 de agosto de 2006**

*Quintino*

Ler é refletir, e refletir é existir.

Descartes afirmava que não somos um mais racional do que outro, visto que todos temos a faculdade do raciocínio.

O que diferencia as opiniões é a maneira que vemos as coisas e a quantidade de coisas que analisamos para formular a opinião.

A faculdade de raciocínio humano é o que nos diferencia em especial dos outros animais. Com ela levantamos questões, defendemos idéias, desenvolvemos projetos, nos relacionamos com outros, etc. Mas como toda faculdade ela necessita de treinamento. E é aí que a leitura se torna importante.

Pelo simples ato de ler encontramos grande parte das experiências filosóficas, históricas e poéticas que transformaram a nossa sociedade e influenciaram o mundo político e social no decorrer dos anos. Também percorremos o mundo pelos olhos dos maiores pensadores que existiram na Terra. Fazer da leitura uma atividade é estar exercitando as virtudes e pensamentos que são de suma importância para nossa transformação social e intelectual.

**15 de setembro de 2006**

*Leopold*

Nem o mais doce adeus  
poderia suavizar  
a dor de partir  
Então como dizer  
que vou para não voltar?  
Farei o impossível  
para entenderes que ir é preciso  
e a melhor opção  
Embora realmente talvez não seja  
Ah coração!  
O que vejo agora são dois caminhos  
dois caminhos de aventura  
se vou não sei aonde  
se fico não sei onde  
Vive-se de escolhas  
enquanto se é só  
Perdoa-me quem amo!  
Perdoa-me!  
Se parto, então é por ti  
e te liberto, não te deixo.

**20 de setembro de 2006**

*Quintino*

Estou aos nervos,  
Aos que me querem e aos que me repugnam

Fiz aos redores o que esperam de um ser pensante  
E o que se esperam de um irracional

E aos poucos, aos poucos... lentamente  
Dilacera, destrói, dissipa... E derivados.

Enriquece as virtudes  
Fraquejam as pernas, empobrece as dores... Envelhece a alma.

Acusado, acusado, apontado e humilhado  
Nem sequer pude me defender  
Traído, e soterrado pelo coração  
Que o mesmo Goethe dois séculos me avisou.

Como queria, como queria eu... Desejo que não me perdoes.  
Que se vá com o vento e com as flores.  
Assim chorarei com motivo de não te-la por motivo  
E não pelo motivo de não te-la sem motivos.

Sei também que amanhã estarei bem  
Que amanhã será o amanhã... E não te verei.  
Pode ser o amor, pode ser o amor.  
Talvez o amor? Pode ser o amor.

**27 de setembro de 2006**

*Quintino*

Por três dias sonhei com isso...  
Por dois dias permaneceu em mim...  
E um dia tudo acabou.

Garotada irritada, jogando bola descalço...  
Mãe gritando da janela, menino corre de medo...  
Perigo na rua, carro passando... Olha a graúda.  
Plantinha se esguelha... Pétala no chão...  
Menina chora, garoto ta nem aí...

Garoto sem pai nem mãe... Achou um trocado  
Achou trocado no bolso do homem  
Por esse trocado a gente liga...  
Mas por trocarem seu futuro... Tão nem aí.  
Trocaram seu violão por cola,  
Trocaram seus livros por droga

Disseram que não foi por culpa,  
E a culpa por isso... Ninguém sabe.

**05 de outubro de 2007**

*Leopold*

No intervalo das aulas  
jogava truço  
não que gostasse das cartas  
mas era minha maneira  
de não estar só

*Quintino**Os pássaros*

E quando não se tem esperança,  
(pandora não fora tão ligeira assim.)  
Todo o saber de minha vida medíocre  
Torna-se obsoleto em ti, EM MIM.

Em mim, em ti... Em nós.  
Quem somos nós? Duas almas que Zeus  
Separara em meio a revolta dos seres?  
Diante do monte fizera duas de uma.

Estar presente em ti, em minha vida  
É estar presente em tudo que se deve,  
E tudo que há de pertencer a ti  
Tem o toque magnífico do universo.

Não possuo superpoderes,  
Não sou o rei da moda.  
Auto-estima não é tão estimada  
E minha ternura se perde em meios rudes.

Mas por saber de tudo isso já me é suficiente,  
Saber o motivo das deixas, das somas, das tristezas  
É tão bom quanto a certeza de se estar certo.  
E a certeza que tenho em ti, é que em ti não serei tão bom, ao certo.

Querer dar o que não se tem,  
Querer ter o que não se pode  
Fazer por ti o que a ti pertence.  
Isso não me é permitido, OH!, Por Céus:

Se te fizessem uma divindade  
Permitido não me seria, contempla-la, louva-la.  
E se por vezes penso em amar-te  
Por outras caio no real. Deixar-me-á.

Talvez como os pássaros que quisera  
Um dia para ti, quando abri seus olhos  
E mostrei quão belo são soltos,  
Fará ti o mesmo comigo?

**08 de outubro de 2007**

*Leopold*

Ideal de Vida

Nada quero ter  
A ninguém me apegar  
e no dia que partir  
nada deixar  
nem mesmo saudade  
Naquele momento  
Serei, talvez  
Finalmente feliz

**09 de outubro de 2007**

*Quintino*

De todas as paixões que tive de nenhuma pude eu, extrair da paixão o seu verdadeiro perfume.  
Engaiolado, petrificado, triste, triste, triste.  
Da sua pele delicada e seus olhos desejosos, seu sorriso invejado, invejado... Quero pra mim quero pra mim... Desejo pra mim... Dói-me saber que nao posso ter... Dói dói dói...Sem dó magoa, machuca... Mata-me tudo isso... E eu soffro. Fez-se a minha vida um calabouço escuro e amedrontador.  
Se essa minha natureza estupidamente meticulosa e calculada nao tomasse conta do afeto por ti.  
Se meu afeto por ti nao fosse domado pela razões líricas e filosóficas dos livros que de nada sabem a meu respeito.  
Se meu respeito a ti nao fosse a prova de amor que tenho pra lhe dar.  
Toca-la???? Como posso tocar aquilo que é divino? E tudo que o homem toca, destrói... Destruir-te??? Perdoe-me Afrodite, mas tu me deixastes contristado mais uma vez... E me abandonastes quando mais precisava de ti.

E se eu ver-te em outros braços... Que fique bem lá... Não seja eu mais um entre os tapados que destroem tudo que tocam.

Até mais.

*Leopold*

Não te quero mais  
Mesmo que ficasse  
Partiria de você  
Então te verei mais uma vez  
Amanhã à tarde  
Estarei em sua casa  
Não para te amar  
Mas para dizer adeus  
E não espere explicação  
Pois não a tenho

**02 de novembro de 2006***Quintino*

Felizes os amantes.

Peguei-me a meditar sobre a arte  
Que alegria nos dá.

Questionei

Há arte maior do que a arquitetura dos céus?  
Maior do que alvorecer do dia?  
Maior do que a feição do arco-íres?  
Quão belo quão bom...

E de todas as artes, digo-te...  
Que de todo o universo artístico  
Não existe arte maior do que  
A arte de criar arte.

E tu és a maior de todas essas...  
E o pq é:  
Criastes neste ser a arte de amar.

*Leopold*

Já vai o terceiro copo de café  
E entra a noite - mais uma vez  
Adornada pela desgraça  
Que me impede de dormir  
O que posso esperar  
De uma noite de segunda-feira?  
Guardei para o próximo fim de semana  
Nosso adeus crucial  
Deveria ir embora  
Sem ao menos te olhar?  
Economizaria na condução  
Quantas cervejas podem comprar  
O dinheiro de nossa despedida!  
Ora! Tudo bem! Que seja!  
Encontrar-te-ei  
Por aquilo que um dia senti  
Espero que não se demore  
Direi logo adeus, boa sorte  
Boa sorte na próxima!  
Deveria assumir que rasguei  
Todas as cartas que me enviaste?

*Leopold*

Ela nunca lerá o livro que lhe dei  
talvez preferisse chocolate  
ou um par de tênis  
Como pude pensar  
em lhe presentear com Goethe?  
As mulheres são lindas  
simplesmente como mulheres  
para afago, carinho e amor  
Mas Goethe?  
Como pude dar-lhe isto?  
O próximo presente  
será um buquê.



**19 de novembro de 2006**

*Quintino*

Vamos, venhamos, convenhamos.  
Subamos no palco, assistamos a peça.  
Ou, pois melhor digo,  
Participemos da comédia.  
Da graça que sois no dia a dia,  
Da festança que fazeis a cada tanto.

Somos atores, já não disseram os poetas?  
Somos criadores da nossa própria peça.  
E se assim for, mais profissionais não há.  
E dessa terra de leis e deveres, quero os meus.

Por quanto tempo há de um profissional,  
Que em toda sua vida pos-se a trabalhar,  
Poder descansar e deixar-se ao encosto  
Por ter feito o que deveria e pronto?

Minha vida teatral deixo de lado,  
Deixei a muito os comentários aos atores,

Cansou-se meu personagem, e improvisou a saída.  
Deixo a deixa... E o palco que tanto me fez rir

Fico a dispor dos comentários, dos malditos  
E benditos que me acolheram e me ajudaram  
Tanto fizeram pra me ajudar que me transformaram  
Em um dos mais lúcidos do ofício magistral.

Percebo assim que já não farei falta,  
É hora de sair e seguir caminho.  
Fazer o bem e abrir portas aos que começam.  
Deixar o exemplo é coisa difícil de se fazer.  
Mais belo é faze-lo sem esforço  
E minha hora chegou.

*Leopold*

És jovem, eu velho  
 E sou para ti o alegre sonho adolescente  
 Dos tempos em que a boneca  
 Confunde-se com a vida  
 Tentando me esconder  
 Atrás do frescor de minha falsa juventude  
 A pele 'inda é nova  
 Mas o coração já não pulsa  
 E sou assim  
 Teu falso sonho de menina

**15 de dezembro de 2006**

*Leopold*

Tornaram-se os dias sombrios  
 A noite toma-me como mais uma  
 de suas obscuras criaturas errantes  
 Desesperançadas  
 Quando o pranto já não basta  
 Afluem-se pensamentos nunca dantes navegados  
 Que me levam à inevitável queda  
 Do que parecia tão distante  
 E ao sabor da correnteza  
 Sinto a ânsia do amargo balanço  
 Que inebria, embriaga  
 Tornando ainda mais dolorosa  
 A agonia final

**03 de janeiro de 2007**

*Quintino*

Proponho-me a encantar-me com o mundo  
 Entreter-me com as míseras rosas  
 Acabo por perfurar os olhos do coração  
 e entristecer a minha alma ao máximo

"Há tempo, há vida, há felicidade".  
 Do que me adianta a felicidade?  
 Esta felicidade genuína misturada aos porcos?  
 Não quero! Quero que minha tristeza me enriqueça

Há palavras no mudo?  
Há discernimento do som no surdo?  
Está o leproso em sua jornada a passar frio?  
Eis-me aqui no mundo

Estreparia meu vigia na rosa  
Para não mais presenciar tal penúria.  
Enterraria-me no mais desamparo possível  
Para não conviver no acalento dos medíocres

*Leopold*

Um temor supersticioso tomou-me hoje  
Ao ser perseguido ao longo do dia  
Por uma mariposa negra  
Que me sobrevoou durante o almoço  
E bateu-me à cabeça  
Perseguindo-me ao meu quarto  
Cujas portas e janelas envidraçadas  
Mantive fechadas, enquanto minha perseguidora  
Insistentemente voava  
Em encontro ao vidro  
Buscando-me  
Após algum tempo trancafiado  
Saí e deparei-me com sua presença  
Pousada no batente da porta  
Como a me esperar  
Então me fechei novamente  
E dentro do quarto permaneci  
Por algum tempo  
No entanto, após esquecer o episódio  
Saí e não a vi mais  
Minha sina negra no entanto  
Entrou no quarto  
Pela fresta da janela  
E sobrevoou-me novamente  
Estremecendo-me  
Pousou. Olhou-me. Partiu.

**16 de março de 2007**

*Quintino*

Pois o mundo acabou por me desorientar.  
não sei mais o que é real e o que é falso.  
não compreendo meus desejos e angustias...  
meus afetos e desafetos.

Não sei mais o que é o amor,  
nem sei mais o que é a amizade.  
talvez eu nunca soubera de verdade.  
Porém antes, podia me ver enganado.

Todos meus amigos me abandonaram.  
E todos a quem diziam me amar  
Fizeram montante de acusações  
E me deixaram a esmo para o Mau.

Nem abraços  
Nem beijos  
Nem palavras  
Nem carinho  
Nem amizade  
Nem Dor  
Nem mesmo a dor se faz constante  
Se ao menos fosse constante  
Teria alguém a quem me apegar  
Ou ao menos, que se apegasse a minha Raiva.

*Leopold*

Éreis seres mutantes  
Estranhos completos de abstinências  
Perfeitos passados  
Oriundos de um nada  
De um quase já feito  
E um quase retido  
Foi simples lembrança  
De um fado negado  
De um fado perdido

**20 de março de 2007**

*Leopold*

O caminho marcado já fora completo  
Repleto de passos refeitos de dores  
Agora esperas, mas tens veemência.  
Indouto de fato, com mui desamores!

E diga-me: outrora tu foste mesquinho  
Ainda sentindo tamanha ambição  
Mantinhas guardado teu fado no ninho  
Que hoje malgradadas com devassidão

Refletes ou és chulamente carrasco  
De um belo passado que tens recebido?  
E toda a beleza repeles com asco  
Demérito, sim! de fulgor embebido

Agora reprimes com falsa humildade  
Tua vida, teu sonho, teu pouco tão tudo  
E vês a cruel dor, amarga verdade  
Vindouro destino, vindouro destino.

## Capítulo V

As preocupações agora se direcionam à imoralidade e à desonra da humanidade, mas ao mesmo tempo revelam uma certa esperança na beleza e na razão. É o momento em que Quintino e Leopold se deparam diretamente com suas maiores dúvidas e questões, comprovando que o tempo e suas constantes análises sobre a vida não conseguiram sanar suas necessidades filosóficas e ainda por cima aumentaram a amplitude dos temas questionáveis.

Assuntos como moral, filosofia e amor são novamente levantados, porém, em grande parte dos textos é visível como focam a si mesmos. A transparência pessoal é maior e há menos experiências textuais.

**09 de abril de 2007**

*Quintino*

Nosso Trabalho Satisfatório.

Trabalhar?!

Acordo cedo! Meu café da manhã das manhãs de todas as manhãs dos dias, sem alteração.

Trabalhar!?

Movimentar. Ocupar-se. Aqui um motivo da existência do serviço. Exercitar a mente e ter um ofício é de tudo benéfico ao ser pensante, por mais que não aparente ser.

Já é de conhecimento do homem que a ocupação, acaba com nossos vícios que tanto viciam nossas vidas. Deixam a tagarelice em seu devido lugar: No silêncio. Destroem a preguiça e torna nossas vidas menos maçantes e tediosas. Pois então se manter em estado de ócio permanente não nos é de muito proveito. Tão pouco razoável.

Porém, se é trágico ou cômico eu não sei, mas tornou-se um hábito a raça humana visualizar com justiça que o nosso sustento deva ser ganho através de uma forma de ofício, principalmente o braçal. Não que seja vergonhoso, talvez seja o mais nobre dos ofícios... porém se somente o ato de ocupar-se já tem a sua recompensa, que de direito é mais direito ao homem oferecer outro tipo de pagamento se é das virtudes que se tira a felicidade do ser, e é através do trabalho que as virtudes são feitas visíveis?

Pois é, dessa ganância surgiu o dim dim, a moeda, o "ganha pão", o "ganha lixo"... Bem apropriadamente denominado.

Provavelmente algum esperto de nossos ancestrais que resolveu no coração que bater a paulada e a puxar pelos cabelos era uma ótima, maravilhosa maneira de levar a vida. A qualquer hora pular a cerca e pegar uma carne suculenta de seus vizinhos. A carne veio dos deuses e o fogo é natureza. Um cantinho bonito para se cobrir e aquela paulada na cabeça quando achasse necessário para suprir seus prazeres voluptuosos.

**10 de abril de 2007**

*Leopold*

Hipofagia

Cavalo tenro  
Bom pro churrasco  
Bom no meu prato  
Cavalgue em meu esôfago  
Descanse em meu estômago

**13 de abril de 2007**

*Leopold*

Chrisóstomo, palestremos à beleza  
Discutamos a tal felicidade!  
Pois a busco, a poetiso  
Mas a desconheço!

Chrisóstomo, esqueça a beleza  
E me fale do amor  
Pois creio que amo  
Mas igualmente o desconheço!

Chrisóstomo, filosofa!  
Já leste todos os gregos  
Então me explique  
Para que nos servem?

Chrisóstomo, diga o que quiseres  
E debatamos com rebeldia  
Sem ter nunca conclusão  
Pois nisto há certo prazer

não na beleza, no amor ou na filosofia em si, mas na constante dúvida.



**14 de abril de 2007**

*Quintino*

Tão Hipócritas quanto fariseus.  
Tão medíocre quanto a nossa educação  
Tédiosa quanto o nosso poder de fazer e não fazer.

Esse sistema é tão perfeito quando nós. Se não nos deleitamos nele,  
É por pura preguiça. E quando essa nossa preguiça nos impedem de pensar, raciocinar,  
encontrar é quando a acomodação, que é a cura de todas as dores, se manifesta no coração.  
E todas as virtudes que são conseqüências de nossos incomodo e insatisfações são deixadas de  
lado.

Eis nossa dúvida. Ser virtuosos, tendo em resultado a dor? Ser corajosos e fortes, duros resistentes  
é preciso para a virtude ser plena e correta. Deixa-la de lado sim, realmente é o sinal da fraqueza.  
Ter a preocupação e nao se acomodar.

Em contrapartida, estar resolvido a nao se preocupar com o próximo nos deixará em paz, por mais  
paradoxal que isso pareça. E por fim de tudo, as virtudes e tudo aquilo que é nosso motivo de ser e  
existir vão se acabar aos Muitos.

**20 de abril de 2007**

*Leopold*

Rótulas vacilantes e punhos frágeis  
Dorso descarnado e coxas franzinas  
Pescoço fino e cabelo descorado  
Vergonha da espécie mais desonrada  
- A espécie humana.

Não caminha, rasteja  
Descamba na fossa  
Nem ergue os olhos pardos  
Aviltados para ver  
Cegados pela estupidez

Oprobrioso  
Indigno da mais vil baixeza  
Seu nome, vilipêndia!  
Tênia malcheirosa que digere  
Corrói o desgraçado frago

Come o excremento  
Maldito verme nauseante!  
E morre! Morre como o inseto  
Esmagado pela sola  
Do pé imundo

**22de abril de 2007**

*Leopold*

Sede fecundos!

Somos fecundos e enchemos a Terra  
Enchemos de outros fecundos humanos  
Fecundamos sem ter escrúpulo  
Sem intenção de encher nada

Fecundamos por fecundar  
E sem querer enchemos a Terra  
De humanos ainda mais fecundos  
Fertilmente pululantes

Pululando fecundantes  
A Terra já desfertiliza  
Mas a nós o que importa:  
Fecundar e ser fecundos

**03 de maior de 2007**

*Quintino*

Haveria de amar, sem ter alguém para amar?

Eis algumas questões a serem levantadas pelos míseros humanos. Tendo sidos criados, o amor há de ser base em suas vidas. Mas a partir de que momento ele passa a surgir em nossas vidas?

Poderia esse ser magnífico, ou sentimento ser emerso do nada, como peixes do mar indo e voltando, cada vez que necessitamos dele? Há nele vida própria? O que haveria de ser o amor? Como se comporta o amor?

Há quem diga que ele é alimentado, criado, roubado, enfim... E há especulações bizarras em que nem deveríamos citar. Pois bem, digo-vos que por sermos criados, de uma natureza suprema, superior a nossa, há coisas que não é do conhecimento do homem, e outras podem ser compreendidas por simples lógicas ou indo mais além pela fé. Eros, Philos e Ágape, todos monstros de nossa natureza. Nascidos? Criados? Entendidos?

O que há dentro de nós, está repleto de segredos... E o que há em nossa mente são desejos... e que belos desejos... Esperando, ansiosos de algo que o possam saciar. Sabedoria e respostas são o alimento. Mas nem só de conhecimento um homem é capaz de apreciar as belezas de nossa vida prazerosa. O que há de mais importante no amor entre as pessoas é o modo como ele se apresenta, e a maneira que ele flui.

A maneira que surge... Como pode? O amor são conjuntos de sentimentos moldados, sim, com

conjuntos de atitudes que alimentam o outro ser. Sentimentos são as formas egoístas, que fazem esse amor ser bom somente para nós... se bem que influenciam em nossas atitudes, que beneficiam outros. Meio paradoxal. O amor esta presente em nós em forma secreta e obscura, com pontadas que nós percebemos aos poucos. Ele nao nasce ou é criado cada vez que encontramos uma pessoa que nos é interessante. Como já dito, ele é uma mistura egoísta de sentimento e atitudes. Quando as atitudes que temos em nosso próprio ser se confrontam com outro ser que se encaixa no nosso perfil, o sentimento desperta. Mas ele é enganoso... Pois em meio a esse conjunto são inúmeras características que o moldam, tornando-o assim.... Complicadíssimo de entender.

É de nosso conhecer, que fomos criados perfeito... assim criados a imagem de Deus. A imagem do amor nos foi dada. E é de nosso conhecer que somos imperfeitos agora, com algo perfeito dentro de nós.

Privilegiados? Absolutamente... Não. Está aí o grande problema dos seres pensante. Há de haver um ser imperfeito capaz de lidar perfeitamente com outro ser perfeito? Haveria de um quadro perfeito ser posto em uma moldura imperfeita, e mesmo assim ser visto com bons olhos? Há o amor perfeito em nós e como poderíamos lidar com esse amor sendo imperfeitos? Mesmo nós sabendo disso, nunca poderíamos lidar, pelo nosso egoísmo de querer o amor supremo.

Como já dito também, ele é enganoso... E a cada vez que pensamos amar, estamos passando de mão em mão nosso punhado de areia. Imaginemos o amor como um punhado de areia do mar, dos mais finos possíveis. Oscilemos a areia de nossas mãos e veremos o que acontece... Cedo ou tarde a areia terá se esvaído entre nossos dedos e o desastre estará feito.

Resguardar nosso amor é o que há de mais sábio entre os que realmente se importam com o uqe há de ocorrer com nossa felicidade. Felicidade extrema nos espera.

Entenderemos em um futuro próximo o que há de ser o verdadeiro amor, quando nossa moldura for posta perfeita em nosso quadro, vivenciado com tantas desgraças... Isso é tudo.

**07 de maio de 2007**

*Quintino*

Seus joelhos gastos pela terra  
Suplicando pela fonte de vida  
"Venha, assim como estão os meu olhos marejados"  
Isso seria o suficiente.

E o céu escurece, a terra estremece.  
Thor surge do ilustre Céu  
Tlaloc realiza sua proeza...  
Poseidon, quem diria... Agradece

Os pássaros, fidalgos da natureza  
Com seu fulgor a cima do cume dos montes,  
Escapam do perigo, indo para seus abrigos...  
Assim faz o homem com essa benção concedida.

Seus membros sofrem um leve abalo,  
Seus dentes regem de temor...  
Constroem apetrechos...  
Escondem-se de suas rezas...

A garotinha Estranja  
Com seus lindos cabelos lisos  
Entorna chuva entre si...  
Seu rosto brilha cintilante...

Oh, eles tem medo da chuva...  
Oh, não... Eles têm medo...  
Mal sabe quão linda ela fica...  
Mal sabe quão bela é...

Deixe - me molhá-la

*Leopold*

Você é bonita

O corpo humano é feio  
Mas você é bonita  
Porque seu corpo é, na verdade  
Materialização de sua alma  
À qual já entreguei minha vida

**10 de maio de 2007***Leopold*

Parar, esperar o semáforo  
E ritmar novamente nossos passos  
Silenciosos por entre o barulho do mundo  
Abafado por nosso divino silêncio  
E ouvir-te dizer que me amas  
Sem abrir a boca  
Atravessar as ruas que navalham meu peito  
Com seus carros barulhentos  
Ser curado pela ausência de nossas palavras  
E arrebatado pela tua suave presença  
Que gentilmente me mata  
Enquanto aperto com ainda mais força  
Tuas mãos brancas

**13 de maio de 2007***Quintino*

O que há de bonito na razão?  
Faz bonita a mente...  
Faz distante o sonho...  
Separa sempre o que em união se fez  
E de nada vale quando se esta só

O que há de bonito no real?  
Se for no irreal não se sente dor...  
Irreal é um mundo de paz e beleza...  
E daqueles que tem a beleza ao seu lado.  
No real a tristeza fez-se maré, onda do mar.

A fantasia sobrou e o que tem?  
Não dura um dia, nem uma noite...  
E quando ela acaba é impossível retornar.  
Algo impede... Algo não quer...  
Do real é o que faz a razão ser o que é.

**15 de maio de 2007**

*Leopold*

Macaco pelado não treme de frio  
Tucano batuta só voa pra frente  
O peixe nadando na beira do rio  
Menino maluco chamado demente

Ta se penteando menina bonita  
O moço esperto espreita na fresta  
“Quem dera pudesse cumer a mardita  
vai sê hoje a noite na hora da festa!”

Macaco pelado não treme de frio  
Tucano batuta só voa pra frente  
O sol vai sumindo em tempo de estio  
Poeta cantando a poesia latente

A pinga sumiu e o fogo não pega  
José foi correndo chamar Ermengarda  
Trupica Maria, pois visto que é cega  
Não viu o Tonhinho arrumando a espingarda

Macaco pelado não treme de frio  
Tucano batuta só voa pra frente  
A lua já reina trazendo ao cio  
Toda meninada pré-adolescente

O milho ta bom e o fogo pegado  
Já assa o bode matado na hora  
O porco fugiu e ta sendo caçado  
Passou entre as pernas da pobre senhora

Macaco pelado não treme de frio  
Tucano batuta só voa pra frente  
Se for procurar um menino sadio  
Não há de se achar no meio dessa gente

O bode acabou, mas deu pra todo mundo  
A pinga e o tiro mataram só dois  
O que aconteceu lá no mato profundo  
Só vamos saber nove meses depois

Macaco pelado não treme de *frio*  
Tucano batuta só voa pra frente  
A rima não dá, mas no nosso *Brasil*  
Seria abusivo ser tão consciente!

**17 de maio de 2007***Leopold*

Once Upon a Time there was a Bomb  
A bomb that took away our family  
Took away our days and nights  
Once upon a time there was a bomb  
A bomb that took of us everything we got  
Took away our lives

**18 de maio de 2007***Leopold*

As palavras chegam ainda mais geladas  
Quando estamos ao sereno da noite  
Mas essa distância não condiz com tanto frio  
- Parece que a solidão nos acalenta

Pego tua mão – faz-me tremer ainda mais  
É triste, mas para salvar-me da hipotermia  
Devo evitar as fagulhas cortantes  
Do gelado fogo de nosso amor

**19 de maio de 2007***Quintino*

Meu desejo te poetizo  
Matando a poesia deixando-a a esmo  
Para alegar o quanto eu sofro.  
Para mostrar-te o que eu mereço.

Não farei disso um absurdo  
Juro-te que nada será perdido  
E daqueles lindos campos floridos  
Que sobre tanto te escrevo,eu nunca vi.

Provo-te que do que escrevo  
Nada foi visto ou sentido.

Se por mais que eu corra me aparece  
Quero que saiba que nada é real.

Cantarão piadas sem graças para ti  
Perceberá que os sentimentais são os cansados do mundo  
Perceberá que os sentimentais são a dor do mundo  
E que terão a paz no universo criado  
E não são nada perante ELES

“E quem é mais sentimental que eu? Ela é mais sentimental que eu... Então fica bem se eu sofro um pouquinho mais”

*Leopold*

Enfim o desengano de vida  
Em fim da própria  
Finda o fim.

**20 de maio de 2007**

*Leopold*

Na vida sendo indouto e de tanto egocentrismo  
Neguei um dia o amor, a amizade e a família.  
De tanto orgulho inútil baseado em enganos  
Pensei ser tão terreno tudo aquilo que me deram

Fugi e disse não a mais sincera das carícias  
Pensando merecer melhores toques que aqueles  
E assim negando o corpo e o tão singelo amor  
Tranquei-me na redoma do isolamento vão

E tantos companheiros que outrora me ajudaram  
Deixei atrás no mundo sem a mera despedida  
Pensando ser supérfluo o companheirismo humano  
Perdi tantos amigos que hoje me enterrariam

E aqueles que criaram e puseram-me no mundo  
Pensando ter um filho com uma grande gratidão  
Tiveram a tristeza de perder-se em desenganos  
Por nunca receberem nem sequer um obrigado



**21 de maio de 2007**

*Quintino*

Olá... Amigo.

Escrevo-te, não por motivo de acrescentar-lhe mais e mais inutilidades, mas por serdes um tanto quando compreensivo.

É sabido que tenho estado mui ausente em meus relacionamentos. Às vezes caio em desespero e tem tanta coisa que queria fazer.

Estou muito conturbado. Tanta gente se apaixonou cedo e conseguiu ser realizado. E eu? Que vivi minha precoce infância e minha precoce velhice oscilando entre o amor e o ódio. (encontro-me amando a tudo e a todos no momento). Já não vejo mais motivos para reclamar. Já não vejo motivos para se desesperar. Aprendi, a pouco tempo atrás que a vida nao pode ser igualada por todos e nem obtida por espíritos pequenos. Como podemos alcançar a vida era uma das perguntas que eu realmente não tinha muitas pistas de como responder. Creio eu nesse momento illustre em que lhe escrevo que a vida pode ser obtida por elevarmos nossa espiritualidade e virtudes ao mais alto nível já alcançado por nós mesmos. A cada dia que alimentamos nosso ego e elevamos nosso espírito conseguimos caminhas passos e mais passos rumo ao que chamamos de vida.

Sei que encontra-se em meios turbulentos e que falando sobre vida a você é meio que estar cantarolando para uma mariposa. Sei que estais um tanto quando perdido. O mais perdido dos mortais... Sei bem disso meu amigo. Mas quero lhe dizer que o Amor que você achou na vida, e que durará o quando você alimentar vai ser uma ótima lembrança. Quero que você não se defina aos poucos... Que faça isso de uma vez e seja glorioso, ou para de uma vez com isso e procure maneiras melhores de se entristecer, pois é lá no final da tristeza que vem a alegria.

Não sois mais um de meus amigos amnesiasticos. sois um amigão... E tenha um ótimo dia.

**28 de maio de 2007**

*Leopold*

O trago desce rasgando  
Da garrafa ao esôfago  
Faltava-me sofrer de amor

Uma garrafa de vodka  
Nunca desceu tão fácil  
A morte nunca  
Foi tão inevitável

Santo e pagão  
Bêbado e racional  
Filho e órfão  
Homem e mulher

O trago desce rasgando  
Da garrafa ao esôfago  
Faltava-me sofrer de amor

Completo enfim  
Precocemente?  
Faltava-me apenas  
Sofrer de amor

**07 de junho de 2007**

*Leopold*

Deus, misericórdia!  
Tenha piedade do mais pecador dos filhos  
Não ganhei uma alma  
E ainda perdi minha própria  
O próprio talento que me deste  
Não multipliquei, mas  
O perdi

**15 de maio de 2007**

*Leopold*

Levou o mundo nosso contemplamento  
Tua macieira lhe faz falta?  
Onde está agora Sócrates?  
Prendes-te numa preocupação vulgar

Descemos novamente à pele do coelho  
Haveríamos de regressar a escalar o pêlo?  
Voltamos à escuridão da caverna  
Havemos de sair ao sol novamente?

Obscureço. As palavras não me querem mais  
As palavras não nos reconhecem mais  
Somos tolos. Somos fúteis.  
Somos nossos antigos versos

Dessa não escapo  
Dessa não escapo

**07 de junho de 2007**

*Quintino*

poetizo  
estes  
dias

que  
dizem  
tantas  
coisas  
por  
si  
só

se  
tão  
somente  
o  
poeta  
não

Dissesse,  
tão  
somente  
as  
rosas  
nao  
falariam  
as,  
joaninhas  
não  
amariam  
e  
nós  
nunca  
teríamos  
existido

os  
deuses  
nunca  
teriam  
nos  
criado.

devemos  
nossa  
existência  
aos  
Poetas?

Dias Vividos  
Correspondências entre Quintino e Leopold

1ª Edição

São Paulo  
2008